

A produção de subjetividades docentes na educação profissional e tecnológica: Em ação o dispositivo currículo

The teacher's subjectivities production in the professional and technological education: Action in the curriculum dispositive

Josí Aparecida de Freitas¹

Instituto Federal Sul-rio-grandense, IFSul RS, Venâncio Aires, RS, Brasil

Cláudio José de Oliveira²

Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil

Resumo

Este texto tem por objetivo analisar a organização curricular de um curso do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) de um campus do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), Brasil, enquanto dispositivo que produz os sujeitos professores nesse território de pesquisa. Tendo como base desdobramentos da produção de dados de uma pesquisa de mestrado e a partir das problematizações de Michel Foucault, entende-se o dispositivo currículo como uma prática discursiva que organiza estrategicamente o currículo escolar de forma a regular as condutas dos docentes. A produção de subjetividades nesse contexto é mapeada pelo método cartográfico, utilizando-se como corpus de análise registros do diário de campo utilizado na pesquisa, cujas anotações reuniram informações e impressões do contexto pesquisado, a partir da observação do cotidiano dos docentes envolvidos e dos discursos que circulavam no campus. Considera-se, em nível de resultados, que o dispositivo currículo se configura em um território de disputas entre professores e equipe gestora do campus, constituindo-se em uma tecnologia de poder que consiste em uma objetivação do sujeito, ou seja, em uma prática que permite pensá-lo como um objeto para um conhecimento possível, um indivíduo governável: sujeito sujeitado. Ao mesmo tempo, captura-os através de técnicas de si, que determinam como devem ser os sujeitos professores para eles próprios, subjetivando-os. O sujeito professor da educação profissional e tecnológica que trabalha com o Proeja é, pois, um sujeito em produção constante, entre disputas e verdades, saber e poder.

Palavras-chave: Currículo, Formação de professores, Jogos de verdade.

Abstract

This article intends to analyze the curricular organization of a Proeja course (National Program of integration between Professional Education and Basic Education in the Young and Adults Modality) of a campus of the Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), Brazil, as a dispositive to produce the teacher subjects in this research territory. It has as fundamental principle the developments of the data production of a dissertation and according to the Michel Foucault studies, and the curriculum dispositive is understood as a regulated

1 Mestra em Educação. Professora e supervisora pedagógica no IFSul Campus Venâncio Aires/RS. Pesquisadora no grupo de pesquisa Identidade e Diferença na Educação – Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. E-mail: japarecidafreitas@gmail.com

2 Doutor em Educação. Professor pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação e Departamento de Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. E-mail: coliveir@unisc.br

form to the teacher's conduct. The subjectivities production in this context is followed by the cartographic method, using as corpus of analysis the data registration in a field diary used in that research, whose notes concentrated informations and impressions from the researched context, from the daily observation of the involved teachers and speeches that circulated on campus. It is considered, as results for the discussions, that the integrated curriculum dispositive consists in a territory of disputes between teachers and manager team of the campus, thus becoming a power technology consisting of an objectification of the subject, that is, in a practice that allows to think of it as an object for a possible knowledge, a governable individual: subjected subject. At the same time, it captures them through techniques of the self, which determine how they should be the subject teachers for themselves, subjectifying them. The teacher subject of the professional and technological education who works with Proeja is a subject in constant production, between disputes and truths, knowledge and power.

Keywords: Curriculum, Teachers formation, Truth games.

Introdução

Este artigo é resultado de desdobramentos da produção de dados de uma pesquisa de mestrado. Por ocasião da análise dos dados produzidos para essa dissertação – que objetivou acompanhar, por meio do método cartográfico, o processo de constituição do sujeito professor de um curso técnico, na modalidade Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, em um campus do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul) –, a temática da articulação da organização curricular desse curso enquanto um dispositivo para a regulação da conduta dos docentes se fez presente nas anotações do diário de campo (que constituíram o *corpus* de análise da pesquisa), ensaiando-se como uma possível abordagem para análises futuras, o que se materializa neste trabalho.

A opção pelo método cartográfico possibilitou-nos pensar a pesquisa na relação entre pesquisador e objeto pesquisado. A cartografia, método criado por Deleuze e Guattari (2011), é um dos princípios da metáfora do rizoma³. Ela faz parte do rizoma, que se constitui em um mapa, ainda que traçado sempre na forma de um rascunho, um devir.

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

O objetivo da cartografia é se oferecer “como trilha para acessar aquilo que força a pensar, dando-se ao pesquisador, como possibilidade de acompanhamento daquilo que não se curva à representação” (AMADOR; FONSECA, 2009). A cartografia é uma possibilidade, assim, de pesquisar processos de produção de subjetividades

3 Deleuze e Guattari (2011, p. 21) distinguem o rizoma da árvore. O rizoma apresenta-se como uma haste subterrânea – “os bulbos, os tubérculos são rizomas” – enquanto as estruturas arbóreas têm raízes e radículas. “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos”. Tendo múltiplas entradas e conexões, o rizoma não pode ser reduzido a uma unidade, modificando-se em suas ramificações, a cada contato.

e de neles intervir. No movimento daqueles que habitam o território de pesquisa – dentre eles, nós, pesquisadores – há sempre a possibilidade de, nas palavras de Deleuze e Guattari (1997, p. 121), “decolar do território” para construir, em torno de si, novos agenciamentos: reterritorializar-se. Produzir deslocamentos. Intervenções.

Para reunir informações e impressões do contexto a ser pesquisado, foram produzidas anotações em um diário de campo, a partir da observação do cotidiano dos docentes envolvidos na pesquisa e dos discursos que circulavam no campus. Os sujeitos da pesquisa foram 14 professores – 6 mulheres e 8 homens – que lecionavam no curso técnico Manutenção e Suporte em Informática desse campus e que se reuniam periodicamente para planejar as aulas e manter encontros de formação continuada. Conforme Barros e Kastrup (2012, p. 70), “esses relatos não se baseiam em opiniões, interpretações ou análises objetivas, mas buscam, sobretudo, captar e descrever aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos”.

O contexto em que se inseriu a dissertação e sobre o qual lançamos novamente nosso olhar neste trabalho diz respeito à educação profissional e tecnológica. Mais especificamente, ao período que sucede a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, que se consolidou com a implantação da Lei 11.892/2008 (BRASIL, 2008) a qual delimita, dentre outras considerações, as finalidades e as características dessas instituições.

Tendo como foco “a promoção da justiça social, da equidade, do desenvolvimento sustentável com vistas à inclusão social, bem como a busca de soluções técnicas e geração de novas tecnologias” (SILVA, 2009, p. 8), os Institutos Federais fazem circular um discurso institucional de uma educação profissional e tecnológica como um “novo projeto de nação: se o fator econômico até então era o espectro primordial que movia seu fazer pedagógico, o foco a partir de agora desloca-se para a qualidade social” (SETEC, 2010, p. 14).

A trajetória do Proeja nas instituições federais de educação profissional e tecnológica acompanha os caminhos traçados por essa legislação. As escolas técnicas federais investiram no Proeja como um programa que oferece educação profissional na modalidade EJA, objetivando estender as oportunidades desta formação também aos jovens e adultos que foram excluídos do sistema educacional ou que a ele não tiveram acesso nas faixas etárias denominadas regulares.

Consideramos a organização curricular do Proeja, neste trabalho, como um dispositivo, “um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 2008, p. 244). A função estratégica que apontamos ao longo do texto para o dispositivo currículo no Proeja é regular as condutas dos professores do curso.

Selecionaremos trechos do diário de campo em que o currículo se mostra um tema disputado entre equipe gestora e docentes do Proeja, o que o configura como um mecanismo das relações de poder entre ambos. Problematizaremos, a partir disso, em consonância com os escritos de Foucault, a produção de subjetividades docentes nesse território de disputas entre verdadeiro e falso, saberes e poderes, ao qual chamamos de currículo.

Currículo e produção de subjetividades docentes

O método cartográfico é processual, acompanha os movimentos das subjetividades nos territórios. Nesse contexto, os dispositivos funcionam como estratégias e procedimentos concretos que inventam modos de existir (KASTRUP; BARROS, 2012, p. 77-78). Foucault (2008, p. 244) conceitua por dispositivo

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. [...]. Em suma, entre esses elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.

A problematização que trazemos a respeito da organização curricular do Proeja no campus pesquisado do IFSul é uma análise de como ela articula, em suas práticas discursivas, mecanismos de poder que constroem os sujeitos de uma forma muito particular. Em Foucault, não existe sujeito fora do discurso: “dado que cada um de nós nasce num mundo [...] em que os discursos já estão há muito tempo circulando, nós nos tornamos sujeitos derivados desses discursos” (VEIGA-NETO, 2011, p. 91).

Na escola os professores são, de um modo geral, orientados à autorreflexão crítica de seu trabalho, inserindo-se no discurso escolar, constituindo a experiência de si mesmos, fazendo funcionar neles mesmos os mecanismos que lhes permitem aprender as regras segundo as quais se operam as “formas corretas” da docência.

[...] o que é dito sobre os processos de aprender e ensinar [...] são discursos que produzem um significado, que passa a ter efeito de verdade por meio de incorporação de estratégias que sugerem um modo correto de se fazer [...] nas escolas. Isso se dá através de mecanismos que entram em operação para produzir discursos com efeitos de verdade sobre aquilo que nomeiam. O que é definido como verdadeiro deve ser entendido como um problema de poder, já que os significados nunca flutuam livremente no discurso. Eles movimentam-se num contexto de relações que tentam impor seus valores (OLIVEIRA, 2009, p. 181).

O discurso, em Foucault, é condição de possibilidade para a constituição dos sujeitos. O funcionamento do discurso está atrelado à estrutura e aos dispositivos materiais das práticas sociais nas quais se produz. A escola é uma prática social, segundo Foucault, que orienta o sujeito a “‘dobrar-se’ sobre si próprio, aprendendo o discurso legítimo e suas regras de autoexpressão” (LARROSA, 2010, p. 66-67).

Consideramos o currículo como um tema disputado entre equipe gestora e docentes do Proeja, o que o configura como um mecanismo das relações de poder entre ambos, neste jogo de verdades⁴ que se manifesta no território de pesquisa. O currículo, enquanto produção de conhecimento através de relações sociais de poder,

ao determinar quem está autorizado a falar, quando, sobre o quê, quais conhecimentos são autorizados, legítimos, o currículo controla, regula, governa. O conhecimento inscrito no currículo não pode, assim, ser separado das regras

4 Foucault (2012b, p. 12-13) propõe o estudo desse jogo que se estabelece nas relações de poder e que constitui o sujeito em relação de si para si. É o que o autor chama de “jogos de verdade”: jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado.

de regulação e controle que definem suas formas de transmissão. A regulação é inerente ao currículo e à pedagogia (SILVA, 1995, p. 202).

O poder para Foucault (2011, p. 103) “é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”. A condição de possibilidade do poder “é o suporte móvel das correlações de força que, devido a sua desigualdade, induzem continuamente estados de poder, mas sempre localizados e instáveis”. O poder, assim, “está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares”.

Dessa forma, como se dá esse jogo do verdadeiro e do falso no âmbito deste trabalho? Um dos mecanismos desse “jogo” apresenta-se como o *currículo integrado*, um dispositivo que se configura em “uma série de práticas e de funcionamentos que produzem efeitos” (KASTRUP; BARROS, 2012, p. 81). Os efeitos, neste trabalho, são as estratégias de regulação das condutas dos docentes do Proeja.

A organização curricular do curso Manutenção e Suporte em Informática – modalidade Proeja – busca “inovar” em sua estruturação, uma vez que não há uma divisão do tempo e do espaço em disciplinas, como comumente se observa em uma “grade curricular”. O que existe, conforme o projeto do curso (IFSUL, 2011), é uma proposta de trabalho por áreas do conhecimento – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Ciências Humanas e suas Tecnologias e Profissional –, o que está em conformidade com as diversas possibilidades de organização curricular que o Documento Base do Proeja (MOLL; SILVA, 2007) apresenta: abordagens embasadas na perspectiva de complexos temáticos; abordagem por meio de esquemas conceituais; abordagem centrada em resoluções de problemas; abordagem mediada por dilemas reais vividos pela sociedade e abordagem por áreas do conhecimento. Sendo assim, não temos pretensão, neste texto, de discutir se a organização curricular do curso em questão atende ou não às necessidades de seu público-alvo – para isso precisaríamos aprofundar conceitos curriculares que nos afastariam do foco da nossa discussão, qual seja: problematizar o currículo enquanto prática discursiva que produz subjetividades.

Dessa forma nos remetemos ao Documento Base do Proeja (MOLL; SILVA, 2007, p. 48) que admite, ainda, que “a desconstrução e construção de modelos curriculares e metodológicos, observando as necessidades de contextualização frente à realidade do educando, promovem a ressignificação de seu cotidiano”. O Documento considera que a organização curricular em EJA pode ser construída contínua e processualmente, envolvendo todos os sujeitos que participam do programa:

De qualquer maneira, independente da forma de organização e das estratégias adotadas para a construção do **currículo integrado**, torna-se imperativo o diálogo entre as experiências que estão em andamento, o diagnóstico das realidades e demandas locais e a existência de um planejamento construído e executado de maneira coletiva e democrática. Isso implica a necessidade de encontros pedagógicos periódicos de todos os sujeitos envolvidos no projeto, professores, alunos, gestores, servidores e comunidade. É importante ressaltar, mais uma vez, que essa construção curricular implica uma nova cultura escolar e uma política de formação docente (MOLL; SILVA, 2007, p. 51-52, grifo nosso).

Foi nessa teia discursiva que se configurou a proposta curricular inicial do curso Manutenção e Suporte em Informática. A legislação e as publicações oficiais que veiculam o discurso institucional demonstram uma intenção de controle sobre os profissionais docentes através de um discurso positivo e produtor de subjetividades. Em uma estratégia desse dispositivo, de uma forma sutil, a denominação currículo “integrado” - que se observa na citação acima - acompanha os discursos que circulam no campus quando se trata dessa questão. Da mesma forma, a regulação do conjunto de profissionais docentes atravessa as discussões sobre o currículo entre os professores do Proeja, no território de pesquisa. Porém, a assimilação desse discurso como verdadeiro entre todos os docentes não está legitimada, como podemos observar nos registros do diário de campo (FREITAS, 2014, p. 44-45):

A necessidade de reuniões que coloquem o curso Manutenção e Suporte em Informática “no caminho” em 2013 foi ressaltada por uma colega que disse: “está-se fugindo do currículo integrado e entrando em caixinhas novamente!”. Ou seja, o ensino por áreas do conhecimento, em que dois ou mais professores de uma mesma área entravam em sala ao mesmo tempo, em 2012, está ficando para trás. Quando há dois professores no mesmo dia, um fica antes, o outro depois do intervalo, dando aulas sozinhos, sem o “ensino inovador” que se desenhava no planejamento do curso. A carga horária dos professores também está “apertada”, o que tem dificultado esse trabalho conjunto. “O que dá pra fazer é conversar nos intervalos, nos corredores, rapidinho, como temos feito (alguns colegas)”, disse uma professora. O fato é que o grupo de professores desacreditou na proposta, que no início era tão encantadora e diferente. O que os levou a isso? (Diário de Campo, 06 de março de 2013)⁵.

Reproduzindo o discurso que é veiculado oficialmente pela instituição, a equipe gestora do campus em questão aposta no currículo como uma estratégia de controle da conduta docente, o que faz com que as discussões sobre esse tema, em reuniões do Proeja, evidenciem a vontade dos gestores de legitimar esse discurso como verdadeiro para o Programa e a resistência dos professores em jogar esse jogo (FREITAS, 2014, p. 68-69):

É a primeira reunião dos professores do PROEJA depois das férias de inverno. Estamos realizando reuniões de formação há três dias no campus, cuja temática é “currículo”. Sendo assim, este também será o tema desta reunião do PROEJA. Professores dos dois cursos do PROEJA participam deste encontro: Manutenção e Suporte em Informática e Secretariado.

O coordenador dos cursos inicia a reunião retomando os encaminhamentos do nosso último encontro, quando nos propúnhamos a buscar um “fio condutor” para as aulas, que atravessasse as áreas do conhecimento. O elemento que faria essa ligação seria a Área Profissional de cada curso. Sendo assim, elencaríamos as abordagens em cada área (Ciências Naturais, Matemática, Ciências Humanas, Linguagens e Profissional) que se relacionassem às “maiores necessidades” das turmas quanto à aprendizagem da área profissional. [...].

Essa foi uma estratégia da gestão do campus para que os professores não abandonassem a organização curricular que se pauta no “currículo integrado”. Aproveitando um texto trabalhado no dia anterior, alguns colegas retomaram o conceito do que seria um “currículo integrado”: “isto que tentaremos fazer hoje

5 Apresentamos os excertos do Diário de Campo inseridos ao longo do texto, em itálico, com referências entre parênteses ao final de cada trecho.

tem bastante a ver com o que lemos ontem, sobre currículo. Temos que integrar as disciplinas gerais do ensino médio com as disciplinas técnicas”. Ao passo que outra colega diz: “Mas podemos integrar com uma organização por disciplinas também, e não necessariamente por áreas”. [...].

A reunião, como já ocorreu em outras vezes, não tomou os rumos projetados pela coordenação. Argumentos como “estou preocupado com nossa organização do tempo”; ou “precisamos, para fazer essa proposta funcionar, de tempo para planejamento e menor carga horária”; ou “antes de decidirmos por essa proposta, precisamos estudar mais sobre o que significa dar aula para jovens e adultos”; ou “poderíamos visitar escolas já com experiência em EJA aqui da cidade”; ou ainda “na verdade todos são alunos, de manhã, de tarde ou de noite, adolescentes ou adultos, todos são alunos”... marcaram as discussões nesse dia, que não tiveram um fechamento. Em suma, a proposta de organização curricular ficou para outro momento (Diário de Campo, 24 de julho de 2013).

Enquanto resiste, o professor contribui para rearticulações no dispositivo – a produção de novas estratégias de poder e regulação –, pois as contestações provocam uma reação na equipe gestora do campus, que se utilizará do dispositivo currículo para manter os professores na ordem discursiva da instituição. Nas palavras de Foucault (2008, p. 246):

Disse que o dispositivo era de natureza essencialmente estratégica, o que supõe que trata-se no caso de uma certa manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada nestas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, estabilizá-las, utilizá-las, etc... O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam.

Araújo (2008) considera que cada época produz “certo tipo de dominação cuja pretensão é conduzir os indivíduos a modificarem seu comportamento”. As práticas discursivas sobre o currículo escolar, por vezes, têm a fabricação do sujeito professor como mais provável efeito das relações de poder e saber que se movimentam nesses processos. “O sujeito não é livre com respeito a essas relações: ele está dentro delas, assim como os objetos que ele conhece e o modo como o faz” (ARAÚJO, 2008, p. 75).

Diante disso, perguntamos: haveria possibilidades de criação de outros modos de constituição dos sujeitos, para além da fabricação dos indivíduos? Pensando sobre esse questionamento, traçamos algumas considerações que não finalizam a discussão, mas sinalizam para o prosseguimento das problematizações sobre o assunto.

Considerações finais

Ao analisar os jogos de verdade como produtores do sujeito que se constitui como experiência Foucault (2012b, p.17) entende que “os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu singular” – são os modos de subjetivação do sujeito.

A subjetivação, conforme Foucault (1991, p. 48, grifos nossos), constrói o sujeito e constitui-se em um conjunto de tecnologias que podem ser agrupadas em quatro tipos:

1) tecnologias de produção, que nos permitem produzir, transformar ou manipular coisas; 2) tecnologias de sistemas de signos, que nos permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significados; 3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetem-nos a certos tipos de fins ou de dominação, e consistem numa objetivação do sujeito; **4) tecnologias do eu, que permitem que os indivíduos efetuem, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta ou qualquer forma de ser, obtendo, assim, uma transformação de si mesmos, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade.**

Eizirik (2005) demonstra, trabalhando com Foucault, que as tecnologias de poder – que determinam a conduta dos indivíduos – funcionam de forma interligada com as tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar uma transformação de si mesmos. Conforme Araújo (2008, p. 178-179), “somos presa da triangulação verdade/saber/poder”, enredados por discursos que constituem os sujeitos pressionados por uma extorsão da verdade e pela normalização.

O dispositivo currículo configura-se em uma tecnologia de poder que consiste em uma objetivação do sujeito, ou seja, em uma prática que permite pensá-lo como um objeto para um conhecimento possível, um indivíduo governável: sujeito sujeitado. “Longe de reprimir ou abstrair, produz verdade sobre o indivíduo em cada relação sua com o saber” (ARAÚJO, 2008, p. 82).

Ao mesmo tempo, o discurso da formação dos professores, que veicula as verdades legitimadas na organização curricular do Proeja, os captura através de técnicas que determinam como devem *ser* os sujeitos professores para eles próprios, subjetivando-os. São “procedimentos pelos quais o sujeito é levado a se observar, se analisar, se decifrar e se reconhecer como campo de saber possível” (FOUCAULT, 2012a, p. 230).

Essa objetivação e essa subjetivação não são independentes uma da outra; do seu desenvolvimento mútuo e de sua ligação recíproca se originam o que se poderia chamar de “jogos de verdade”: ou seja, não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso (FOUCAULT, 2012a, p. 229).

Onde há jogo, então, há confrontos, há disputa por um resultado que seria “ganhar” ou “perder”. O território desta pesquisa é local de disputas, de produção de verdades que estão em jogo, como o serão quaisquer territórios em que haja relações de poder. Aqui analisamos os confrontos que são gerados a partir da circulação de um discurso institucional que pretende conduzir ou induzir o comportamento dos professores, principalmente lançando mão de estratégias articuladas pelo dispositivo currículo.

Araújo (2008, p. 203) explica que Foucault “analisa as relações de poder lá onde elas provocam confronto, resistência”. Assim, ainda conforme a autora, além dos efeitos de conhecimento do indivíduo, de sua adaptação ou inserção no meio, há

outro efeito produzido pelas relações de poder: “é que esta produção de saberes que individualizam e normalizam faz com que a conexão do indivíduo consigo mesmo seja obtida quase exclusivamente por esse tipo de produção de verdade” (ARAÚJO, 2008, p. 221).

Foucault (2012a, p. 270) afirma que, no entanto, as relações de poder, como são móveis, podem se modificar, “não são dadas de uma vez por todas”. Ele vai enfatizar que “só é possível haver relações de poder quando os sujeitos forem livres”. Ou seja, um poder somente será exercido sobre alguém quando houver pelo menos certa forma de liberdade nessa relação; quando houver alguma possibilidade de resistência.

Dessa forma, pensamos que o dispositivo em questão, que visa à objetivação dos docentes no território desta pesquisa, contribui para a compreensão da constituição do sujeito professor do Proeja nesse mesmo território, uma vez que suas estratégias de poder mobilizam os docentes a se transformarem, a modificarem suas condutas, ainda que, muitas vezes, resistindo ao discurso que busca controlá-los. Uma forma de ação do dispositivo foi demonstrada com o investimento da equipe gestora em manter a organização curricular do curso do Proeja sob a forma de áreas do conhecimento, mesmo que essa opção promova uma disputa entre gestão e professores.

O dispositivo currículo, assim, funciona “conduzindo condutas”:

O termo “conduta”, apesar de sua natureza equivocada, talvez seja um daqueles que melhor permite atingir aquilo que há de específico nas relações de poder. A “conduta” é, ao mesmo tempo, o ato de “conduzir” os outros (segundo mecanismos de coerção mais ou menos estritos) e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades (FOUCAULT, 1995, p. 243-244).

Há possibilidades de criação de outros modos de ser professor? Pensando a partir dos últimos escritos de Foucault (2012a, p. 292), em que ele diz “acredito na liberdade dos indivíduos. Diante da mesma situação, as pessoas reagem de maneira muito diferente”, as formas de resistências dos professores em relação aos jogos de verdade nos quais historicamente foram introduzidos podem ser consideradas liberdades possíveis – práticas de liberdade.

A reação dos professores, nesta pesquisa, às ações do dispositivo currículo não forma um padrão de resistência. Concordando com Foucault, dizemos que houve reações diferentes para situações diferentes. Como as anotações no diário de campo mostraram, alguns docentes recusaram, em alguns momentos, o jogo que lhes era proposto. Argumentos foram utilizados, dentre outros, para adiar decisões sobre a organização curricular do curso.

A construção dos sujeitos nesse dispositivo não se dá apenas pela sujeição, pela aceitação dos professores em ter suas condutas conduzidas. Sujeição e subjetivação confundem-se no processo de constituição dos professores do Proeja. Na resistência que exercem produzem novas formas de poder. O jogo sempre continua, e as possibilidades de cada “partida” vão mudando os estilos dos jogadores.

“Sempre há possibilidade [...] de descobrir alguma coisa diferente e de mudar mais ou menos tal ou tal regra, e mesmo eventualmente todo o conjunto do jogo de verdade” (FOUCAULT, 2012a, 276). Procuramos demonstrar como a organização curricular do Proeja em um campus do IFSul se configura em um território afetado por disputas e se reconfigura constantemente, em função dos jogos de verdade que nele se movimentam. Talvez essa seja a forma como o professor da educação

profissional e tecnológica que trabalha também com Proeja se constitua em sujeito: aprendendo a jogar.

Referências

- AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v61n1/v61n1a04.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2014.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 2008. 234 p.
- BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 52-75.
- BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, 30 dez. 2008. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007.../2008/lei/11892.htm>. Acesso em: 02 ago. 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4. 175 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1. 128 p.
- EIZIRIK, Marisa Faermann. **Michel Foucault: um pensador do presente**. 2. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 160 p.
- FOUCAULT, Michel. Tecnologias del yo. In: FOUCAULT, Michel. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991. p. 54-94.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995. p. 231-239.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008. p. 243-276.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011. 152 p.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 13. ed. São Paulo: Graal, 2012b. 232 p.
- FREITAS, Josi Aparecida de. **A constituição do sujeito professor da educação profissional e tecnológica em um curso do PROEJA: cartografando processos de subjetivação**. 2014. 104 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.
- IFRSul. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. **Projeto do Curso Técnico em Manutenção e Suporte em Informática – forma integrada – modalidade PROEJA**. Venâncio Aires, 2011.
- KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 76-91.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 35-86.
- MOLL, Jaqueline; SILVA, Caetana Juracy Rezende (Coord.). **PROEJA: Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos – Documento Base**. Brasília: MEC/SETEC, 2007.
- OLIVEIRA, Cláudio José de. Formação docente na revista Nova Escola. In: SILVA, Mozart Linhares da; HILLESHEIM, Betina; OLIVEIRA, Cláudio José de (Org.). **Estudos culturais, educação e alteridade**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p. 178-198.
- SETEC. Secretaria de educação profissional e tecnológica. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica: concepção e diretrizes**. MEC /SETEC, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12503&Itemid=8>. Acesso em: 28 jul. 2014.

SILVA, Caetana Juracy Rezende (Org.). **Institutos Federais Lei 11.892, de 29/12/2008**: comentários e reflexões. Natal: IFRN, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 190-207.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 159 p.